

Percepções de professores brasileiros de língua inglesa em formação sobre dificuldades para desenvolver habilidades

Flávio Almeida dos Anjos^{1*} 

¹ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) – Brasil

*Autor de correspondência: flaviusanjos@gmail.com

RESUMO

À luz da linguística aplicada, este artigo reflete sobre as dificuldades para desenvolver habilidades em língua inglesa. Apresenta dados de um estudo etnográfico, com base na abordagem 'need analysis', realizado com um grupo de 26 professores de língua inglesa em formação. O objetivo central do estudo foi investigar as dificuldades relacionadas com o desenvolvimento das quatro habilidades básicas -falar, ouvir, ler e escrever- em língua inglesa, a partir das percepções dos participantes. Nesse sentido, a pesquisa intencionou mapear as dificuldades relacionadas com o desenvolvimento de habilidades nessa língua. Para tanto, foram utilizados dois instrumentos de coleta de dados: um questionário e uma entrevista. Os dados foram analisados com base nos paradigmas qualitativo e quantitativo e apontaram que as dificuldades estavam relacionadas com a falta de prática, supostos julgamentos, a culpabilidade da escola, abordagens e métodos de ensino, bloqueio (filtro afetivo), medo, insegurança, timidez, vergonha e autocrítica. A relevância do estudo está na possibilidade de lançar luz em uma problemática que requer atenção, para possibilitar mudanças e alcançar melhores resultados no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa.

PALAVRAS-CHAVE:

Percepção
Professores
Dificuldades
Habilidades
Língua Inglesa

SUBMETIDO: 8 de junho de 2023 | ACEITO: 26 de junho de 2024 | PUBLICADO: 31 de julho de 2024
© fólio – Revista de Letras 2024. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Introdução

Aprendizes de línguas e, até mesmo professores em formação, podem sentir dificuldades para desenvolver habilidades nessas línguas. O que pode estar relacionado com uma série de fatores, tais como tempo para se dedicar aos estudos, a metodologia, abordagens e materiais didáticos inapropriados, dentre outros. Essas dificuldades podem permanecer mesmo depois da graduação. Embora obtenham um diploma que lhes credencie a lecionar, muitos professores seguem exercendo o ofício, sem dominar a língua que leciona. Como

consequência, os índices nacionais apontam para o baixo nível de proficiência em língua inglesa; um quadro que ainda se repete geração após geração, uma espécie de *status quo* que parece ser *ad aeternum*. Não estaria esse baixo domínio relacionado com as dificuldades para lecionar e aprender?

Diversos estudos problematizam a questão das dificuldades dos aprendizes e professores de línguas para desenvolver habilidades. Esses estudos apontam, por exemplo, que as dificuldades são ocasionadas pela pouca habilidade dos professores com materiais didáticos ou pelo uso de métodos inadequados (SINTADEWI, ARTINI, FEBRYAN, 2020); pela escassez de compreensão e falta de controle da velocidade das palavras, nervosismo (SURYANTO, SARI, 2021); abordagem de língua como pura abstração (PALLU, 2008), falta de proficiência oral dos professores (KIM, 2002), dentre outros.

Sabe-se que aprender uma outra língua é uma luta cognitiva, mas também emocional, já que temos que lidar com situações que requerem de nós saída das nossas zonas de conforto, como pronunciar sons que não existem em nossas línguas maternas, realizar performances com o trato vocal, que nunca tínhamos feito, conhecer e respeitar a cultura do outro, que, muitas vezes, diverge da nossa. Tudo isso representa deslocar-se de um lócus linguístico-cultural, todo particular, para adentrar outro, inicialmente, desconhecido. E por isso esse processo pode ser difícil.

Os aprendizes e professores de línguas podem diferir com relação a diversos aspectos no tocante às dificuldades para desenvolver as habilidades de ler, escrever, ouvir e falar uma determinada língua. Compreender o cerne dessa problemática seria como lançar luz, para mudar um quadro negativo. No entanto, dificilmente se leva em consideração o que esses mesmos aprendizes e professores pensam sobre essas dificuldades, o que teria toda uma relevância, para a pesquisa aplicada, com o fito de se pensar alternativas pedagógicas para sanar tais dificuldades. Daí reside a importância de se investigar as percepções de aprendizes e professores de línguas, o que, permitirá compreender o contexto de ensino e aprendizagem, possibilitando pensar estratégias, políticas educacionais que possam mudar um quadro negativo, quando for o caso. Por isso, este estudo se alinha com a abordagem “*need analysis*”.

Nessa perspectiva, Richards e Rogers (2014) discutem a relevância de uma

análise das necessidades dos aprendizes -*need analysis*- a partir da verificação das urgências comunicativas deles, utilizando, para tanto, diferentes métodos, tais como entrevistas, observações etc. Essas análises possibilitam estruturar o próprio currículo, ao permitir identificar os domínios da língua que os aprendizes ainda precisam adquirir, isto é, falar, ouvir, ler e escrever.

Para Songhori (2008), no sentido de atender as necessidades dos aprendizes de línguas, diferentes abordagens da “análise das necessidades” são testadas. Isso tem um papel vital no processo de construção do *design* de qualquer curso de língua. Dentre os modelos de investigação, Songhori (2008) menciona a imprescindibilidade de escrutinar as necessidades de comunicação dos aprendizes, de acordo com as variáveis estilísticas e socioculturais, para determinar o perfil de tais necessidades. Songhori (2008) usa a expressão “análise das necessidades pedagógicas” como um termo guarda-chuva, que, dentre outras coisas, abarca a análise das deficiências dos aprendizes de línguas, para superá-las, a partir da definição de metas de aprendizagem. Sobre essa questão, o autor diz que:

As abordagens para a análise das necessidades que têm sido desenvolvidas para considerar as necessidades ou desejos atuais dos aprendizes podem ser chamadas de análises das deficiências ou carências dos aprendizes. Pelo que se tem dito, é óbvio que a análise da deficiência é o caminho do ponto A (situação atual) para o ponto B (situação alvo), sempre mantendo as necessidades de aprendizagem em mente. Portanto, a análise de deficiência pode formar o currículo de língua, porque pode fornecer dados tanto sobre a lacuna entre o conhecimento extralinguístico, o domínio geral do inglês, as habilidades da língua e as estratégias de aprendizagem atuais e as pretendidas (SONGHORI, 2008, p.11, tradução minha).

Desse modo, este artigo pretende discutir sobre as dificuldades de um grupo de professores de língua inglesa em formação, relacionadas com o desenvolvimento das habilidades nessa língua, com base nas suas próprias percepções. Trata-se de um artigo originado a partir dos dados de uma pesquisa etnográfica, realizada com um grupo de 26 professores. Os dados foram gerados a partir da aplicação de dois instrumentos de coleta de dados: um questionário e uma entrevista do tipo livre narrativa.

O objetivo geral do estudo foi investigar as dificuldades relacionadas com o desenvolvimento das habilidades em língua inglesa. Nesse sentido, a pesquisa intencionou mapear essas dificuldades, compreender as possíveis causas,

investigar como elas são desenvolvidas e verificar quais fatores influenciam no desenvolvimento delas. Tudo isso, a partir da própria percepção dos professores pesquisados. Para uma melhor compreensão da reflexão proposta neste artigo, na próxima seção, será discutida brevemente a questão do desenvolvimento de habilidades em língua inglesa.

Sobre o desenvolvimento de habilidades em língua inglesa

O ensino de uma língua, que tem como meta o seu domínio, deve passar pelo crivo do desenvolvimento das quatro habilidades básicas, falar, ouvir, ler e escrever. No entanto, muitos professores e aprendizes passam pelo entrave de desenvolver essas habilidades. Esse entrave, que se configura como uma dificuldade, pode ser compreendido como qualquer fator que impeça, impossibilite, obstaculize o desenvolvimento das habilidades mencionadas. O cerne dessas dificuldades pode estar na metodologia de ensino/aprendizagem, no material didático inadequado, na abordagem de ensino escolhida, na carga horária ínfima destinada aos estudos, no despreparo dos professores, e, sobretudo, na desconsideração da própria subjetividade do aprendiz, o que tem impactado substancialmente os resultados.

É de conhecimento público que, apesar de políticas em diversas esferas, o ensino da língua inglesa ainda não apresenta os índices de domínio desejáveis. Os aprendizes deixam o patamar da educação básica, ou mesmo a superior, com pouca ou nenhuma habilidade nessa língua. Uma das maneiras de se problematizar essa questão, é pensá-la a partir das dificuldades encontradas pelos professores para lecionar: Como ensinar uma habilidade que não se tem? Quais são as minhas dificuldades como usuário da língua inglesa? Se como professor tenho dificuldades com a língua que leciono, como posso ensiná-la aos outros?

Uma outra maneira de se problematizar essa questão, é pensar nos caminhos metodológicos adotados pelos professores, para verificar se estão adequados aos contextos e metas de aprendizagem. Nessa perspectiva, os estudos de Krashen (2013), com a sua hipótese da compreensão, têm possibilitado, guardada as devidas limitações, compreender como estabelecer uma abordagem, que possibilite desenvolver a habilidade de falar uma língua. Para tanto, Krashen (2013)

elaborou a hipótese da compreensão – *the comprehension hypothesis*– segundo a qual, para se adquirir uma língua, as pessoas necessitam do *input*. A partir desse pressuposto, o *input* é o ponto chave para o desenvolvimento da habilidade de falar, contrapondo que falar a língua (*output*) que se almeja dominar, não levará ao desenvolvimento dessa mesma habilidade. Sobre isso, apesar de controvérsias, Krashen (2013) é categórico, ao concluir, em uma espécie de defesa sumária à sua hipótese, que a produção linguística (*output*), isto é, mais fala e escrita, não convergirá para o processo de aquisição de uma língua, defendendo que a fala é o resultado da aquisição e não o causador.

Desse modo, se levarmos em consideração essa hipótese, o que tem validade metodológica, as aulas de línguas que têm como meta o desenvolvimento da fala, deve primar pela abordagem do *input*. No entanto, sabe-se que o desenvolvimento dessa habilidade é considerado um dos mais difíceis, por isso que Brown e Yule (1994) argumentam que:

A produção da língua falada, aprender a falar uma língua estrangeira, é frequentemente considerado como um dos aspectos mais difíceis da aprendizagem de línguas para o professor, quando tem que auxiliar os seus alunos. Os problemas práticos são óbvios (BROWN, YULE, 1994, p. 25, tradução minha).

Mas ainda é preciso pensar nas outras habilidades como forma de alcançar a competência comunicativa. Assim, seguindo essa linha de raciocínio, a fala dependerá da habilidade auditiva. Ao passo em que se desenvolve uma habilidade, a outra automaticamente é desenvolvida, como é o caso da auditiva, que possibilitará o desenvolvimento da fala. Fato é que, uma depende da outra. Já a habilidade escrita, que para muitos especialistas, poderá ser a última a ser desenvolvida, dependerá primordialmente da habilidade leitora. Não menos verdade que a prática da leitura, que também é *input*, contribui tanto para a habilidade da escrita quanto da fala (*output*).

Desse modo, ao não adotar uma abordagem que contemple o desenvolvimento dessas habilidades, a partir do insumo compreensível, os resultados têm se afastado do desejado. Logo, parece que as dificuldades de muitos aprendizes de língua inglesa advêm desse negligenciamento do insumo

linguístico, contextualmente relevante. Em vez disso, em detrimento do *input*, muitos professores têm optado por abordagens meramente gramaticais, o que também tem a ver com a pouca habilidade do professor, ou com a carência de materiais didáticos apropriados.

Além disso, é preciso observar que a desconsideração da subjetividade dos aprendizes, não reconhecendo as suas identidades, sentimentos, também converge para impossibilitar o desenvolvimento de habilidades em língua inglesa. Sobre isso, Pallu (2008) diz que apesar de muitos pesquisadores acreditarem que a questão das dificuldades dos aprendizes para desenvolver habilidades em língua inglesa ter raiz na metodologia de ensino, no entanto, as reais causas dessas dificuldades podem não estar somente nos métodos, mas na própria subjetividade dos aprendizes.

Nesse sentido é que Krashen (2013) também argumenta sobre o filtro afetivo, uma espécie de mecanismo, que pode afetar o que ele convencionou chamar de *language acquisition device* - aparelho de aquisição da linguagem-, que bloqueado impede a passagem o insumo linguístico, o que ocorre quando os aprendizes são colocados em situações que geram emoções e sentimentos negativos. Em outras palavras, quando os aprendizes se sentem inferior- quando são comparados com a figura mítica do falante nativo, por exemplo- quando sentem medo de errar, quando estão com baixa autoestima, o filtro afetivo altera e atua bloqueando a passagem do *input*, e, por essa razão, não alcança o aparelho de aquisição da linguagem, comprometendo o desenvolvimento de habilidades em língua inglesa. Por isso, é relevante levar em consideração as subjetividades dos aprendizes, respeitar as suas individualidades, seus modos, de ser, agir e se expressar.

Feitas essas considerações, na seção seguinte, discuto a questão da pesquisa sobre percepções com relação às dificuldades para desenvolver habilidades em língua inglesa.

A pesquisa sobre percepções

Início esta seção com a definição do termo “percepção”, já que ele é palavra chave neste estudo. Etimologicamente, “percepção” vem do latim

/percepção,ões/, no sentido de compreensão, faculdade de perceber. “Percepção”, desse modo, se alinha com maneiras de ver e analisar as coisas e, por isso, em certa medida, se alinha também com a noção de crença. Isso porque ‘crença’ pode ser definida como “percepção”. Para Barcelos (2006), as crenças são formas de pensamento, maneiras de ver e ‘perceber’ a realidade.

Desse modo, as percepções funcionam como uma espécie de termômetro para mudar a realidade, já que elas (re)constroem as realidades sociais, ao possibilitar compreender diversos cenários. As percepções estão centradas em questões culturais intrinsecamente relacionadas com os modos de vida e experiências das pessoas. Ainda assim, as suas ideias, fontes das suas percepções, se configuram como uma espécie de juízo de valor, julgamento, fruto de uma sensibilidade que leva a uma compreensão.

Alguns relatos de professores e aprendizes de línguas evidenciam como as suas percepções podem ser relevantes para pensar políticas educacionais. As percepções que aprendizes e professores têm, dos contextos educacionais em que estão inseridos, sejam elas positivas ou negativas, podem auxiliar na compreensão desses contextos. Sobre isso, Leffa (2016) conduziu uma pesquisa, com o intuito de investigar as percepções de um grupo de estudantes universitários, do curso de informática, sobre o ensino e a aprendizagem da língua inglesa, na sua versão instrumental. Todos os alunos participantes da pesquisa eram proficientes em língua inglesa. O objetivo foi verificar o ponto de vista que esses leitores tinham da leitura e de seu ensino. Sem entrar no mérito metodológico, o estudo possibilitou, a partir da percepção dos participantes, concluir que questionar o ensino de língua instrumental também abre frente para questionar as concepções que os de leitores proficientes têm da leitura.

Já Kim (2002) desenvolveu pesquisa, na Korea, com dois grupos de professores de língua inglesa, do ensino fundamental e médio, totalizando 53 participantes, para investigar as suas percepções com relação ao ensino e a aprendizagem da língua inglesa. Uma das perguntas utilizadas foi: “quais são as dificuldades que os professores de língua inglesa enfrentam?” A partir da aplicação de um questionário, os dados apontaram para proficiência oral limitada, baixos níveis de motivação, bem como baixa proficiência oral dos estudantes.

Al Hosni (2014) realizou pesquisa, em Omã, no oriente médio, com professores e estudantes de língua inglesa da educação básica, com o objetivo de investigar as principais dificuldades deles com relação ao ensino/aprendizagem da língua inglesa e quais fatores contribuíam para a existência dessas dificuldades. Para tanto, esse pesquisador usou como instrumento de coleta de dados entrevistas e observação de aulas. O estudo revelou que as principais dificuldades são as linguísticas, de uso da língua materna e inibição. Os dados apontaram que os participantes eram incapazes de falar a língua inglesa porque eles não possuíam vocabulário e estruturas gramaticais necessárias. Eles não tinham habilidade para formar sentenças, o que resultava no uso da língua materna. Os participantes também tinham a percepção de que cometer enganos, ao falar na frente de outros colegas, era muito desapontador, o que resultava em não falar para evitar tais situações. Os dados também possibilitaram que Al Hosni (2014) concluísse que cinco fatores estavam contribuindo para a existência das dificuldades: as percepções dos professores e crenças tácitas sobre o ensino da habilidade da fala, ensino de estratégias, currículo, atividades extracurriculares e regulações de avaliações.

Anjos e Scheyerl (2021) também conduziram pesquisa etnográfica, no Brasil, com um grupo de professores de língua inglesa, da educação básica, e utilizando uma entrevista do tipo livre narrativa, verificaram as atitudes e percepções dos professores sobre o ensino dessa língua, com foco na sua própria prática. Para tanto, esses pesquisadores tiveram que utilizar perguntas que exigiam respostas alinhadas com as percepções sobre o ensino e aprendizagem da língua inglesa, tais como: O que você acha das suas aulas? Como você se sente ensinando inglês? Como você acha que os alunos aprendem melhor? Como você se sente quando os seus alunos fracassam? É difícil ensinar inglês? Dentre outras. Os dados apontaram percepções sobre o próprio perfil profissional, aos aprendizes, à língua inglesa, à metodologia adotada por eles e aos fatores logísticos educacionais.

Desse modo, como se pode ver, as pesquisas com base nas percepções possibilitam ter uma compreensão do cenário educacional. As percepções são fundamentais, porque elas moldam as nossas crenças e as nossas crenças orientam as nossas ações. Assim, as percepções acabam orientando as nossas práticas, já

que, ao serem transformadas em crenças, fazem com que passemos a acreditar nelas. Por isso, para Utami (2016), o que os professores fazem na sala de aula é regulado pelo que acreditam, o que serve como um filtro, através do qual, julgamentos instrucionais e decisões são tomadas. Finalizo aqui esta seção e a seguir são apresentados o contexto de pesquisa, a metodologia usada e os instrumentos para a coleta dos dados.

Contexto de pesquisa e metodologia

Este estudo¹ foi conduzido com um grupo de 26 (vinte e seis) professores de língua inglesa em formação, estudantes de curso de Letras com Língua inglesa/LIBRAS, do Centro de formação de professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Os estudantes, em sua maioria são oriundos da escola pública, e tiveram experiência com a língua inglesa na educação básica.

Esta pesquisa se a linha com os estudos etnográficos. Etimologicamente 'etnografia' significa descrição cultural. Trata-se de um modelo de pesquisa que busca adentrar no universo cultural das pessoas, para desvelar as suas formas de ser, agir e pensar, o que exige do etnógrafo envolvimento. Frankham e MacRae (2015) afirmam que para fazer etnografia é preciso envolver-se, observar e escutar atentamente, porque uma das principais razões de se fazer pesquisa etnográfica é trabalhar de modo a descortinar novas formas de interpretar as coisas. Nesse sentido, este estudo buscou compreender, a partir das percepções de um grupo de professores em formação, as dificuldades enfrentadas, de antes e depois, para aprender a língua inglesa, bem como as raízes de tais dificuldades.

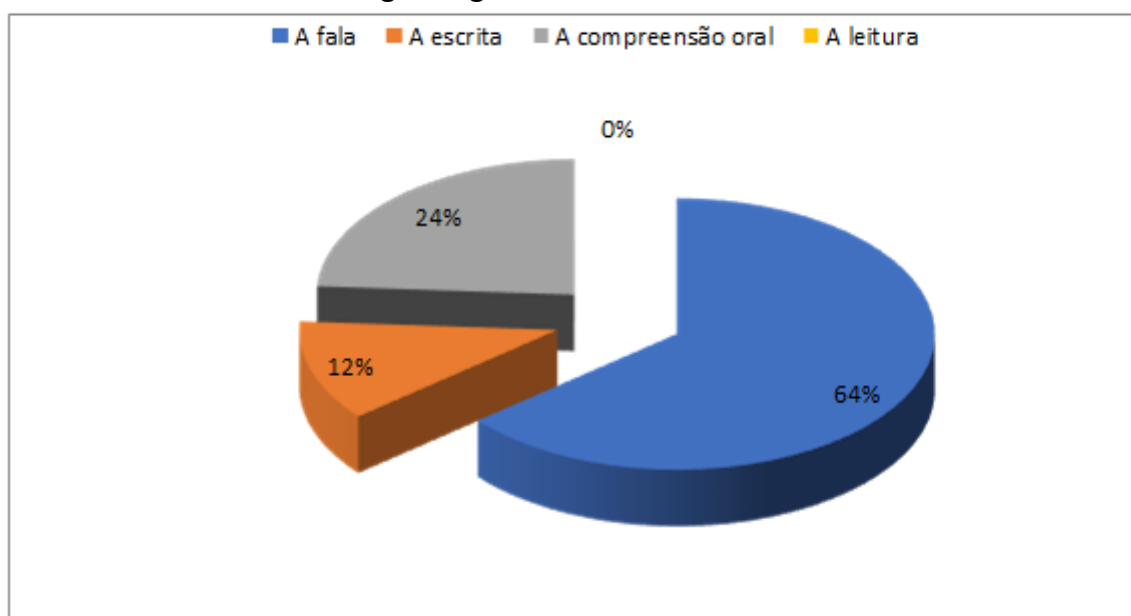
Para a coletar os dados, foram utilizados dois instrumentos, um questionário e uma entrevista. As perguntas foram feitas com o intuito de coletar as percepções dos participantes com relação às suas habilidades e dificuldades com a língua inglesa. Para tanto, as perguntas foram feitas com algumas palavras chaves, de modo a conseguir extrair a percepção deles, tais como "o que você acha...", "o que é mais difícil...", "Você sentiu..." etc. A seguir está a discussão desses dados.

¹ Esta pesquisa, cujo registro tem número de certificado CAAE: 40688920.2.0000.0056 foi devidamente registrada na plataforma Brasil e seguiu todos os protocolos exigidos pelo comitê de ética da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, obtendo parecer favorável à sua condução.

Discussão dos dados - Alguns dados do questionário

O questionário foi o primeiro instrumento de coleta utilizado na fase inicial da pesquisa. Inicialmente foi perguntado se os participantes sentiam dificuldade para desenvolver habilidades em língua inglesa. E os dados apontaram que a maioria (64%) tinha dificuldade em desenvolver a habilidade da fala. Uma parcela expressiva, 24%, revelou ter dificuldade com a compreensão oral, e 12% sinalizaram ter dificuldade com a escrita. No entanto, nenhum deles sinalizou ter dificuldades com a leitura. É possível inferir, com base nesses dados, que o desenvolvimento da expressão oral ainda é uma questão problemática para aprendizes de língua inglesa, o que requer repensar alternativas pedagógicas para sanar tais dificuldades, escrutinizando as raízes dessas dificuldades. Uma outra questão a ser destacada é que se 24% deles têm dificuldade com a compreensão oral e se levarmos em consideração que o *input* é essencial para o desenvolvimento da fala, como pode ter um índice tão expressivo de dificuldades com a habilidade da fala, se o índice de dificuldades com a habilidade auditiva é consideravelmente menor? A seguir está o gráfico 1 com esses dados:

Pergunta 1: Se você sentiu ou está sentindo dificuldade no desenvolvimento de habilidades em língua inglesa, ela estava/está relacionada com:

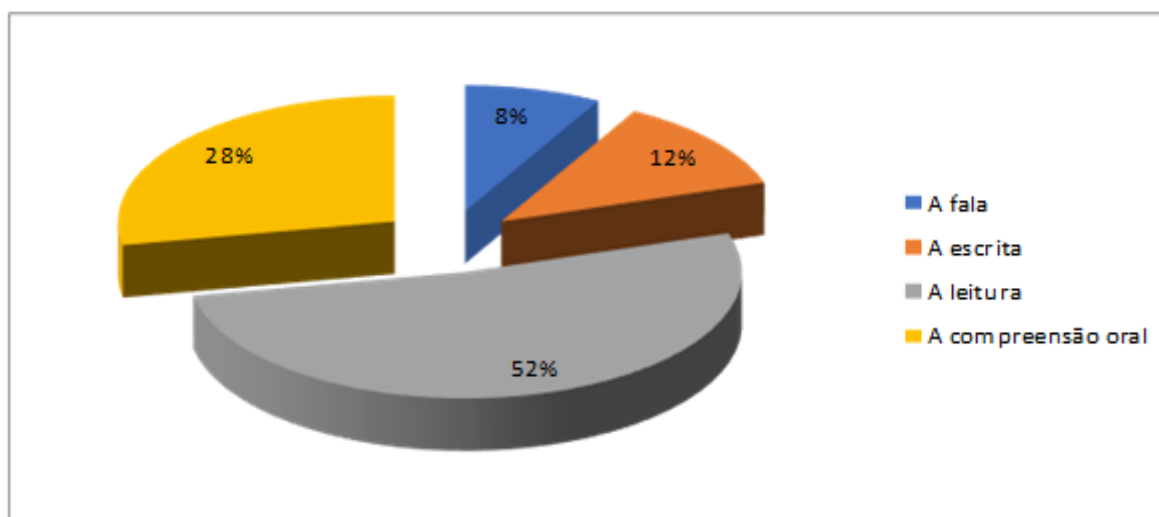


Fonte: Flávius Almeida dos Anjos (CAAE: 40688920.2.0000.0056).

Para contrapor o primeiro questionamento, foi perguntado: *o que você*

acha que foi mais fácil ou está sendo mais fácil de desenvolver em língua inglesa? Os dados coletados confirmaram que, para os participantes, a leitura é a habilidade mais fácil de desenvolver, já que 52% deles sinalizaram isso. Por outro lado, em consonância com os dados da primeira pergunta, 8% sinalizaram que a fala é mais fácil de desenvolver, o que permite inferir que a fala é a habilidade mais difícil de desenvolver pra a maioria deles. 28% deles sinalizaram que é mais fácil desenvolver a habilidade auditiva e 12% a habilidade escrita. Isso, de algum modo, continua ratificando que a habilidade da fala é a mais problemática para os aprendizes de língua inglesa pesquisados. A seguir está o gráfico 2 com esses dados:

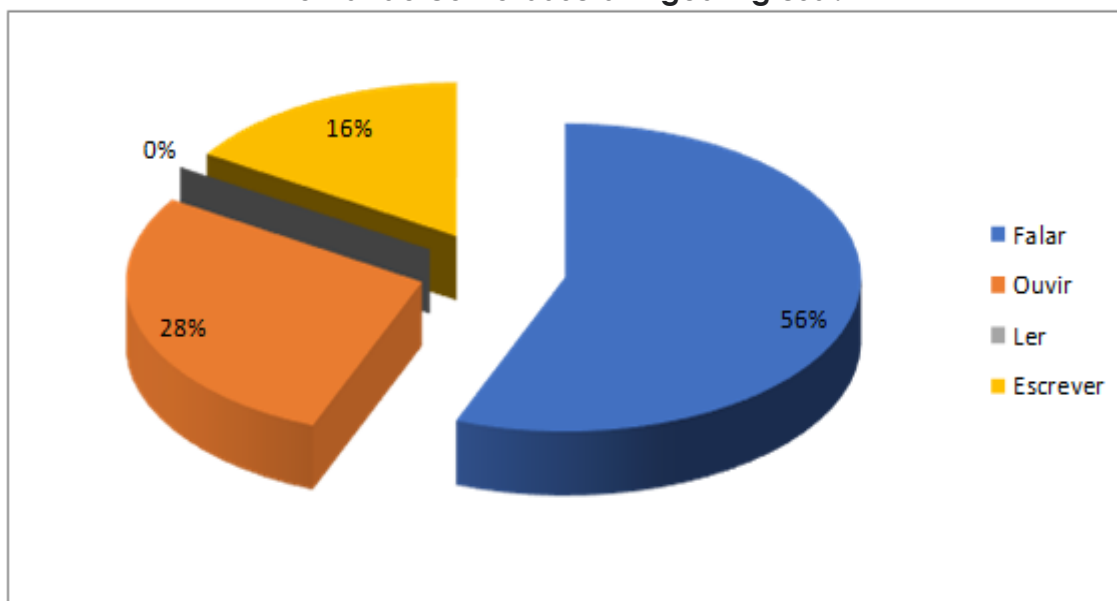
Pergunta 2: O que você acha que foi mais fácil ou está sendo mais fácil de desenvolver em língua inglesa.



Fonte: Flávio Almeida dos Anjos (CAAE: 40688920.2.0000.0056).

Visando a ratificar a questão das dificuldades, foi perguntado também: *o que é mais difícil para você, tomando como base a língua inglesa?* Os dados continuaram ratificando a dificuldade com a habilidade da fala, já que a maioria, 56%, sinalizou isso. 28% informaram que têm dificuldade com a habilidade auditiva e 16% têm dificuldade em escrever em língua inglesa. Nenhum deles sinalizou ter dificuldade em ler. Os dados ratificam a necessidade de pensar alternativas que possibilitem o desenvolvimento da habilidade da fala em maior grau, considerando o alto índice de dificuldade com relação a essa habilidade. A seguir está o gráfico 3 com essas informações

Pergunta 3: O que é mais difícil para você, tomando como base a língua inglesa?



Fonte: Flávio Almeida dos Anjos (CAAE: 40688920.2.0000.0056).

Dados da entrevista

A entrevista foi uma etapa subsequente ao questionário. A intenção era continuar investigando a questão das dificuldades para desenvolver habilidades em língua inglesa, mas escrutinizando as suas raízes. Nesse sentido, foi perguntado aos participantes: **caso tenha alguma dificuldade no desenvolvimento de habilidades em língua inglesa, a que atribui isso?** Seguindo a lógica do “*practice makes perfect*”, muitos participantes tinham essa compreensão de que as dificuldades tinham uma raiz na falta de prática. Parte expressiva deles sinalizou que as suas dificuldades tinham forte relação com a falta de prática. Em algumas respostas foi possível determinar que essa falta de prática ocorria por conta de uma questão pessoal, da falta de dedicação ou por conta das estruturas dos cursos de Letras e da educação básica que não primavam por uma abordagem que contemplasse o desenvolvimento das habilidades. A seguir estão alguns depoimentos que ratificam isso:

Caso tenha alguma dificuldade no desenvolvimento de habilidades em língua inglesa, a que atribui isso?

P1: Tenho dificuldades com a escrita em Língua Inglesa, principalmente de textos acadêmicos ou com ideias mais complexas e acredito que isso se **deve ao fato de não exercitar essa prática** com tanta frequência, tanto pela estrutura anterior do curso de Letras da UFRB quanto por falta de iniciativa pessoal para aperfeiçoar a habilidade.

P2: Falta de praticar.

P3: Falta de pratica.

P8: Agora já domino todas as habilidades, porém a que mais demorou para adquirir/aperfeiçoar foi a compreensão oral. Posso atribuir isso à **pouca prática** de exercícios de oralidade do meu professor no Ensino Médio, que mal dominava a língua oral.

P16: Acredito que à falta de prática e de imersão real na língua.

P18: A falta de prática diária com outras pessoas fluentes.

P23: Falta de prática.

P24: A falta de pratica mesmo.

P25: A falta da prática de ouvir e estudar a língua todos os dias.

Alguns deles também sinalizaram que as dificuldades tinham relação com a desmotivação, bloqueio, vergonha e insegurança. Sobre a insegurança, Santos e Barcelos (2018) argumentam que ela pode estar relacionada com a limitação dos recursos linguísticos, o que impede as pessoas de transmitir mensagens de forma adequada. P21, por exemplo, menciona que a sua dificuldade em desenvolver habilidades em língua inglesa tem relação com autocrítica e vergonha, o que tem a ver com a baixa autoestima desse aprendiz. Sobre essa questão, Santos e Barcelos (2018) também argumentam que a baixa autoestima pode ser negativa no âmbito de aprendizagem, já que, sem certa quantidade de autoestima e confiança na própria competência como aprendizes, eles poderão ter o seu desenvolvimento prejudicado. Essas sensações de insegurança, vergonha, autocrítica funcionam como uma espécie de percepção subjetivada e tem a ver com a suposição do filtro afetivo de Krashen (2013), já que tais sensações podem desequilibrar o filtro afetivo, que, quando alterado, bloqueia a passagem do *input* pelo aparelho de aquisição da linguagem. Outros participantes informaram que as dificuldades estavam relacionadas com o método de ensino e o contexto escolar, sinalizando uma percepção da ineficácia metodológica e do contexto educacional. A seguir estão esses depoimentos:

Caso tenha alguma dificuldade no desenvolvimento de habilidades em língua inglesa, a que atribui isso?

P9: Falta de concentração, bloqueio e desmotivação.

P15: Insegurança e talvez falta de prática.

P17: Método de ensino, tempo de estudo.

P19: Contexto escolar.

P21: Autocrítica, vergonha, falta de rotina para se dedicar ao idioma e saber o que estudar.

P22: Bloqueio e falta de estudo.

Foi questionado também: *caso tenha dificuldade com a habilidade auditiva em língua inglesa, a que atribui isso?* Alguns participantes confirmaram ter dificuldades com a habilidade auditiva e atribuíam isso ao pouco contato com a língua, falta de prática, hábitos; falta de ênfase no desenvolvimento dessa habilidade na universidade, falta de atenção etc. A seguir estão alguns depoimentos:

Caso tenha dificuldade com a habilidade auditiva em língua inglesa, a que atribui isso?

P2: Minha dificuldade se atribui a não ter contato com pessoas que estudam essa língua.

P4: Acredito que por não ter uma imersão constante na língua. É preciso ter dedicação e compromisso no estudo de uma nova língua. Na graduação tínhamos mais componentes de literatura e língua portuguesa, e isso dificultava, em certa medida, em ir atrás de outras ferramentas para potencializar o aprendizado da LI. Acredito que um componente que trabalhasse a fonética e fonologia do inglês teria contribuído imensamente no desenvolvimento de tais habilidades.

P7: Pronúncias e sotaques diferentes.

P9: Falta de prática diária de leitura.

P12: Não sei ao certo, mas tenho muita dificuldade na habilidade auditiva em ambiente com muito barulho.

P22: Falta de estudo de escuta e a fala muito rápida de alguém a pronunciar em língua inglesa.

P23: A falta de atenção.

P24: Falta de estudo.

P25: A ausência de hábitos diários de ouvir, a falta de compreensão, atenção e prática.

Também foi solicitado que os participantes fizessem uma breve descrição das suas dificuldades com a língua inglesa, case eles tivessem alguma. Os dados continuaram ratificando que os participantes tinham maior dificuldade para desenvolver as habilidades de falar e ouvir em língua inglesa. E essas habilidades foram, em alguns casos, sinalizadas conjuntamente. Sobre a análise desses dados, um fato chamou atenção, quando alguns participantes relacionaram as suas dificuldades com a língua inglesa com sensações de medo, timidez, bloqueio e insegurança. Esses dados permitiram compreender as raízes das dificuldades: (P15: *“tenho medo de falar algo errado ou na ordem errada”*, P16: *“creio também que características pessoais, como medo e insegurança influenciam muito para que esse bloqueio persista”* “P17: *Na fala, às vezes, as palavras somem e fica **difícil** de se expressar com clareza e P20: *Minha timidez*).*

Sobre essa questão, Santos e Barcelos (2018) destacam que o medo de errar tornou-se um dos principais motivos da resistência dos alunos para falar inglês na sala de aula. Anjos (2022) também reflete sobre a dimensão emotiva e argumenta que um aprendiz de línguas, que sente medo, pode, não agir, não participar das aulas. E isso pode ocorrer porque muitos aprendizes ficam tipicamente preocupados com as suas habilidades linguísticas, podendo temer que outros sejam mais competentes e proficientes e, assim, passam pela experiência da ansiedade geral, social e da ansiedade da língua estrangeira (DEWAELE, 2011). A seguir estão alguns desses depoimentos:

Faça uma breve descrição das suas dificuldades com a língua inglesa, caso as tenha.

P2: Tenho muita dificuldade em todos os aspectos principalmente para falar e ouvir.

P3: No que tange o *speaking*, creio que seja somente falta de prática.

P4: Tenho **dificuldades** na compreensão oral e na pronúncia do inglês, como já foi dito anteriormente.

P5: Tenho **dificuldade** em falar.

P7: **Dificuldade** em falar e ouvir.

P11: Considero mais **difícil** ouvir e falar com outras pessoas.

P15: Tenho **dificuldade** na pronúncia de algumas palavras, de escrever, e as vezes de ouvir alguém falando, me sinto perdida em algumas situações. Fico tentando organizar as palavras na minha mente antes de pronuncia-las, pois tenho medo de falar algo errado ou na ordem errada devido às regras do inglês.

P16: Acredito que a minha **dificuldade** diante da língua inglesa para desenvolver o *speaking* pode ser uma falha tanto em relação aos principais tempos verbais quanto a prática em si. Creio também que características pessoais como medo e insegurança influenciam muito para que esse bloqueio persista.

P17: Na fala, às vezes, as palavras somem e fica **difícil** de se expressar com clareza.

P20: Minha timidez.

P21: Acho que minha maior **dificuldade** ainda é na fala, tenho muita dificuldade para pronunciar determinadas palavras.

Ainda, com o intuito de investigar as dificuldades com o desenvolvimento de habilidades em língua inglesa, de maneira mais espontânea possível, foi solicitado que os participantes fizessem uma narrativa confessional da sua experiência com a língua inglesa, destacando dentre outras coisas, dificuldades e motivação para aprender essa língua, bem como a sua percepção do seu percurso de aprendizagem, avaliando os elementos que compõem o processo de ensino aprendizagem, tais como, o professor, o material didático, a metodologia, a

abordagem, a sua turma, etc. Os dados apontaram que muitos deles tinham dificuldades com a aprendizagem da língua inglesa e relacionavam essas dificuldades com abordagens de ensino, insegurança, medo de errar, ao professor, à metodologia, à falta de estímulo externo. Desse modo, além das questões subjetivas apontadas pelos participantes, fatores logísticos direta ou indiretamente também impactam o desenvolvimento das habilidades em língua inglesa. Por isso é importante pensar na metodologia, abordagem de ensino e materiais didáticos adequados, para que os efeitos desejados sejam alcançados, porque a desconsideração da dimensão logística leva a consequências que podem convergir para o insucesso, desmotivação ou até mesmo desistência do processo de aprendizagem. (ANJOS, 2022). A seguir estão algumas narrativas que versam sobre isso:

P13: Tenho pouca experiência com a língua inglesa e muita **dificuldade** para a aprendizagem da mesma. A abordagem de alguns professores acaba de certa forma atrapalhando a aprendizagem de alunos que possui essa **dificuldade**, desestimulando-o.

P14: Tenho estudado inglês sozinha, vendo vídeos aula no YouTube, escutando músicas, apps, assistindo séries e filmes. As aulas online também têm me ajudado bastante, pois a ajuda de um professor melhora bastante os resultados de um aluno. Quando sinto dificuldade em algo, eu pesquiso ou pergunto ao professor, os materiais didáticos usando em sala de aula, tem sido muito uteis. Me sinto insegura em desenvolver um diálogo em inglês quando vejo que todos na aula já falam fluente e eu não, eu fico com medo da pronúncia e do sotaque pois sei que erro bastante em algumas coisas. Tenho desbloqueado isso em mim, estudando sozinha pois sei que não vai haver ninguém ali para me julgar.

P17: Sempre tive vontade de falar inglês, antes por achar interessante poder me comunicar com outras culturas, agora por querer um trabalho com salário melhor. Acho que assim como minha educação em português foi insuficiente, o inglês também sofreu o mesmo distúrbio. Só aprendi sobre o verbo *to be*, e nunca tive estímulo para a fala, leitura e compreensão. O contato com o idioma sempre foi um monólogo e por isso ficou **difícil** desenvolver as habilidades. Muitas coisas contribuíram para o não progresso do aprendizado, o professor, a metodologia, a falta de estímulo externo e etc. Na faculdade o problema continuou. Eu pensava que eu ia aprender inglês na faculdade, mas com o tempo foi percebendo que era para chegar na faculdade sabendo inglês e lá eu ia aprender sobre as culturas e sobre a língua. Por isso sai da faculdade com a mesma deficiência que entrei. Agora estou fazendo um curso na Wizard para ver se aprendo Inglês.

24: Tem sido **difícil** minha experiência com a língua inglesa muita **dificuldade...**

25: No início foi muito boa, aprendi muitas coisas, mas depois foi uma experiência desmotivadora.

Finalizo aqui a análise dos dados e a seguir estão as considerações finais.

Considerações finais

Este estudo possibilitou compreender que uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos professores de língua inglesa em formação é o desenvolvimento da habilidade da fala. Os participantes também sinalizaram ter dificuldade com o desenvolvimento da habilidade auditiva. E uma das causas dessas dificuldades reside no tipo de abordagem adotada pelo professor, que, muitas vezes, não contempla o desenvolvimento dessas habilidades. Sobre isso, Schmitz (2009) recomenda que os professores devem usar a língua inglesa que eles sabem, para dar um tom de ambiente de sala de aula, a fim de acostumar os seus alunos a ouvir e, quem sabe, falar essa língua.

Nessa linha de raciocínio, é preciso ressaltar que a desconsideração dos fatores logísticos e a formação limitada do professor de língua inglesa têm provocado uma reação em cadeia, cíclica, na estrutura educacional. É também de conhecimento geral, que na educação básica, o desenvolvimento da habilidade da fala não tem espaço nas salas de aulas, por diversas razões, pelo grande número de alunos por turma, pela carência de recursos didáticos, pela carga horária ínfima destinada ao componente, pela pouca habilidade do professor etc. E por isso, com raríssimas exceções, chega-se à educação superior com pouco conhecimento nessa língua. Ou ainda, em muitos casos, os professores deixam a educação superior sem o domínio da língua que estão habilitados para lecionar, por isso mesmo uma formação insatisfatória (GIMENEZ, 2009), o que em nada tem contribuído para a melhoria das escolas secundárias, públicas ou particulares (SCHMITZ, 2009).

Além disso, é preciso mencionar que, nesse estudo, parcela significativa das raízes das dificuldades enfrentadas pelos participantes tinha um viés subjetivo, pois elas estavam relacionadas com a falta de prática, supostos julgamentos, a culpabilidade da escola, bloqueio (filtro afetivo), medo, insegurança, timidez, vergonha e autocrítica. Por outro lado, abordagens e métodos de ensino também figuraram como fatores dificultador de desenvolvimento de habilidades em língua

inglesa. Nesse universo complexo é que reside o desafio do professor de alunos com dificuldades e participação em aulas de línguas estrangeiras, atuando no sentido de promover condições e oportunidades de modo que possam participar efetivamente, tanto em práticas interativas em sala de aula quanto fora dela (ASSIS-PETERSON, SILVA, 2009).

Logo, fica evidente a necessidade de pensar alternativas pedagógicas que permitam atuar em duas linhas de frente: uma que considere repensar o aprimoramento de métodos e abordagens de ensino, visando a convergir com a cultura de aprender dos aprendizes, e outra que leve em consideração as subjetividades deles. Com relação às subjetividades, é preciso considerar os sentimentos, as emoções, as atitudes, as crenças, os modos de ser e pensar, para que, assim, seja possível pavimentar o caminho para se atingir níveis melhores de domínios das habilidades em língua inglesa e, desse modo, alcançar a competência comunicativa.

Referências

- AL HOSNI, S. Speaking Difficulties Encountered by Young EFL Learners. In: *International Journal on Studies in English Language and Literature (IJSELL)*. Vol. 2, Issue 6, June, p. 22-30, 2014.
- ANJOS, Flávius Almeida dos. *Dimensões para o ensino da língua inglesa*. Cruz das Almas: UFRB, 2022.
- ANJOS, Flávius Almeida dos; SCHEYERL, D. C. M. What is there behind teachers' reactions? A qualitative study on attitudes with some Brazilian teachers of English. *European Scientific Journal, ESJ*, 17 (22) 108. 2021.
<https://doi.org/10.19044/esj.2021.v17n22p108>
- ASSIS-PETERSON, A. A.; SILVA, E. M. N. Alunos à margem das aulas de inglês: por uma prática inclusiva? In: LIMA, D. (org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: Conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 93-106.
- BROWN, G.; YULE, G. *Teaching the spoken language*. Great Britain: Cambridge University Press, 1994.

- DEWAELE, J. M. Reflections on the emotional and psychological aspects of foreign language learning and use. *Anglistik: International Journal of English Studies*. March, p. 23-42, 2011.
- GIMENEZ, T. Ensinar a aprender ou ensinar o que aprendeu? In: LIMA, D. (org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: Conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 107-112.
- KIM, S. Y. Teachers's perceptions about teaching English through English. In: *English teaching*, vol 57, no 1, p. 131-148, 2002.
- LEFFA, V. J. *Língua estrangeira. Ensino e aprendizagem*. Pelotas: EDUCAT, 2016.
- PALLU, P. H. R. *Língua inglesa e a dificuldade de aprendizagem da pessoa adulta*. Curitiba: Positivo, 2008.
- RICHARDS, J. C.; RODGERS, T. S. *Approaches and methods in language teaching*. 3rd ed. United Kingdom: Cambridge University Press, 2014.
- SANTOS, J.; BARCELOS, A. M. F. "Não sei de onde vem essa timidez, talvez um medo de parecer ridículo": um estudo sobre a timidez e a produção oral de alunos de inglês. In: *Horizontes de Linguística Aplicada*, ano 17, n. 2, p.15-35, 2018.
- SCHMITZ, J. R. Ensino/aprendizagem das quatro habilidades linguísticas na escola pública: Uma meta alcançável? In: LIMA, D. (org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: Conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 13-20.
- SINTADEWI, N. M. D.; ARTINI, N. P. J.; FEBRYAN, I. Analysis of English Learning Difficulty of Students in Elementary School. In: *International Journal of Elementary Education*. Volume 4, Number 3, Tahun, pp.431-438, 2020.
- SONGHORI, M. H. Introduction to Needs Analysis. In: *English for Specific Purposes world*, Issue 4, p. 1-25, 2008.
- SURYANTO, S.; SARI, Z. E. Difficulties and Strategies in Learning English: An Analysis of Students From English and Non-English Education Department in Indonesia English Education Department in Indonesia. In: *Advances in Social Science, Education and Humanities Research*, volume 518, p. 313-331, 2020.
- UTAMI, D. N. The EFL teachers' beliefs and their teaching practices. *OKARA Journal*

of Languages and Literature, II (X), 2016, 135-144. Retrieved from:

[http://ejournal.stainpamekasan.](http://ejournal.stainpamekasan.ac.id/index.php/okara/article/view/974/773)

[ac.id/index.php/okara/article/view/974/773.](http://ejournal.stainpamekasan.ac.id/index.php/okara/article/view/974/773)

ABSTRACT: Under the light of applied linguistics, this paper reflects on the difficulties to develop abilities in the English language. It introduces data of an ethnographic study, based on the 'need analysis' approach, carried out with a group of 26 pre-service English teachers. The main goal of this study was to identify the difficulties related with the development of the four basic abilities – speaking, listening, reading and writing- in the English language, based on the participants's perceptions. That way, the research intended to map the difficulties related with the development of abilities in this language. For this purpose, two instruments of data collection were used: a questionnaire and an interview. The data were analysed based on the qualitative and quantitative paradigmas and pointed out that the difficulties were related with lack of practice, supposed judgements, school culpability, approaches and teaching methods, block (affective filter), fear, insecurity, shyness, shame and self-critic. The relevance of this study is in the possibility to shed light on a problem that requires attention, to make changes possible and to reach better outcomes in the English language teaching and learning process.

KEYWORDS: Perceptions, Teachers, Difficulties, Abilities, English language.